

A VISÃO DE ESTUDANTES DE COMUNIDADES PERIFÉRICAS SOBRE A UNIVERSIDADE: ENTRE O SONHO E A INVISIBILIDADE.

Tatiane de Oliveira Freire y Rogério de Souza Silva.

Cita:

Tatiane de Oliveira Freire y Rogério de Souza Silva (2025). *A VISÃO DE ESTUDANTES DE COMUNIDADES PERIFÉRICAS SOBRE A UNIVERSIDADE: ENTRE O SONHO E A INVISIBILIDADE. XIII Jornada de Produção Científica e Tecnológica, XVI Ciclo de Palestras Tecnológicas, I Semana da Pedagogia e X Semana da Biologia. Instituto Federal de São Paulo - Câmpus São Roque, São Roque.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/jpctifpsrq/53>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/paWp/DA6>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite:
<https://www.aacademica.org>.

A VISÃO DE ESTUDANTES DE COMUNIDADES PERIFÉRICAS SOBRE A UNIVERSIDADE: ENTRE O SONHO E A INVISIBILIDADE

Tatiane de Oliveira Freire

Rogério de Souza Silva, rogerio.souza@ifsp.edu.br

Resumo

Este trabalho investigou a percepção de estudantes de comunidades periféricas sobre o ensino superior, com foco numa Escola Pública situada na Região Metropolitana de São Paulo. A partir da análise de questionário estruturado aplicado em atividade voltada à reflexão sobre a continuidade dos estudos, a pesquisa revelou que esses discentes enfrentam diversas barreiras sociais, culturais e afetivas que impactam negativamente sua autoestima, motivação e visão de futuro, dificultando o acesso e a permanência na universidade. A influência do *locus* de controle externo, a pressão avaliativa e a falta de informações claras sobre políticas afirmativas contribuem para a invisibilidade desses jovens no ambiente acadêmico. Fundamentada nas teorias de Bourdieu e Passeron sobre a reprodução das desigualdades sociais pela escola e na perspectiva libertadora de Paulo Freire, constatou-se a importância da autoeficácia como fator decisivo para a superação dos ciclos de exclusão educacional; e a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem o protagonismo estudantil, que promovam o acolhimento e a aproximação das universidades com a comunidade escolar, fortalecendo a crença dos estudantes de que podem e devem ocupar o espaço do ensino superior.

Palavras-chave: Comunidades Periféricas, Ensino Superior, Desigualdade Educacional, Autoeficácia.

Modalidade: Resumo Expandido

Apresentação

A escolha do tema desta pesquisa nasceu da convivência diária e da observação atenta ao cotidiano dos estudantes de uma Escola Pública, situada na Região Metropolitana de São Paulo, numa comunidade periférica. Em cada aula ministrada, notou-se que a trajetória escolar desses jovens é atravessada por barreiras que extrapolam os limites da aprendizagem formal. São desafios estruturais, sociais, emocionais e simbólicos que afetam profundamente sua autoestima, sua relação com o conhecimento e sua projeção de futuro. É nessa realidade multifacetada que se inseriu o questionamento central desta pesquisa: Por que tantos educandos de comunidades periféricas não se enxergam na universidade?

Ao longo dos anos de prática docente, especialmente com turmas finais do Ensino Fundamental II, percebeu-se que a ausência de perspectiva em relação ao ensino superior não está vinculada a limitações cognitivas ou acadêmicas, mas sim a uma construção histórica e social que os distancia desse espaço. Muitos desses estudantes vivem em contextos de vulnerabilidade — marcados pela insegurança alimentar, habitações precárias, dificuldade de acesso à internet e materiais didáticos, além da necessidade precoce de inserção no mundo de trabalho para auxiliar nas finanças domésticas.

A ausência de representatividade e o distanciamento simbólico das universidades geram um sentimento de não pertencimento que, frequentemente, transforma o sonho universitário em algo inalcançável. Como destaca Furlaneto, Galian e Prado (2025), mesmo entre os que desejam ingressar no ensino superior, é comum que esse desejo não se converta em ação, devido à desinformação sobre políticas afirmativas, insegurança emocional e a falta de orientação escolar efetiva.

A teoria de Bourdieu e Passeron (2014) contribuiu para a compreensão desse processo, ao demonstrar como o sistema educacional opera na reprodução das desigualdades sociais. A escola, ao transmitir uma cultura dominante disfarçada de neutra e universal, marginaliza aqueles

que não compartilham desse mesmo capital cultural. Assim, os discentes oriundos das camadas populares muitas vezes são "julgados" como menos capazes, não por ausência de inteligência ou esforço, mas pela distância entre a cultura escolar e a cultura de origem desses agentes sociais.

Paralelamente, a perspectiva de Paulo Freire (1992) ilumina uma abordagem humanizadora e libertadora da educação, reconhecendo os educandos como sujeitos do conhecimento e da transformação social. Segundo Freire (1992), ensinar exige esperança, escuta e compromisso com a realidade concreta dos educandos. Nesse sentido, cabe à escola construir oportunidades reais de pertencimento e projetar nos estudantes a confiança de que são dignos e capazes de acessar os espaços tradicionalmente negados a eles.

A questão da autoeficácia também se apresenta como central nesse contexto. Conforme apontado por Rodrigues e Barrera (2007), a crença do discente sobre sua própria capacidade de realizar uma tarefa influencia diretamente seu engajamento e desempenho. Em contextos de pobreza, essa crença costuma ser abalada, resultando em baixa aspiração e desistência precoce diante dos desafios. Mayer e Koller (2001) reforçam que muitos estudantes em situação de vulnerabilidade tendem a desenvolver um *locus* de controle externo, atribuindo seus fracassos a fatores alheios à sua vontade e sucesso à sorte ou ajuda de terceiros. Essa percepção fragiliza ainda mais o vínculo com a escola e com o próprio processo de aprendizagem.

Nesse sentido, as práticas avaliativas podem contribuir para a intensificação dessas inseguranças. Mesmo em escolas com propostas humanistas, a avaliação ainda é vista pelos educandos como fonte de ansiedade, medo e pressão, especialmente em contextos em que o desempenho escolar é vinculado ao reconhecimento familiar (Sasaki *et al.*, 2022). O olhar punitivo, que ainda persiste em muitas práticas pedagógicas, atua como mais um fator de afastamento, reforçando nos estudantes a crença de que não são suficientemente bons para ir além da escola básica.

Diante disso, esta pesquisa buscou compreender de forma mais aprofundada os fatores que moldam a visão de mundo dos estudantes de comunidades periféricas sobre o ensino superior, destacando os entraves simbólicos, emocionais e estruturais que os afastam desse objetivo. Ao dar voz às suas percepções, pretendeu-se identificar estratégias pedagógicas que promovam autoestima, pertencimento e motivação, ressignificando o papel da escola como promotora de sonhos possíveis (Freire, 1992; Bourdieu, Passeron, 2014).

Materiais e métodos

A presente pesquisa foi realizada com estudantes dos 7º e 8º anos de uma Escola Pública situada na Região Metropolitana de São Paulo, numa comunidade periférica, com o objetivo de compreender as percepções desses sobre o processo educativo, suas motivações, dificuldades, perspectivas futuras e o contexto familiar que os envolve.

A coleta de dados procedeu-se por meio da aplicação de um questionário estruturado contendo perguntas abertas e fechadas, aplicado durante as aulas em ambiente favorável à participação voluntária e espontânea dos estudantes. As perguntas abordaram aspectos relacionados ao processo de aprendizagem, condições socioeconômicas e influência familiar.

Além disso, a aplicação contou com a atividade "Carta para o Futuro", uma dinâmica elaborada conforme orientação do material didático ofertado pelo Estado de São Paulo, na qual os discentes escrevem cartas expressando seus sonhos, expectativas e planos para o futuro. Essas cartas foram coletadas e analisadas para compreender de forma mais profunda as percepções e sentimentos dos estudantes em relação ao ensino superior e suas perspectivas de vida.

XIII Jornada de Produção Científica e Tecnológica

XVI Ciclo de Palestras Tecnológicas

I Semana da Pedagogia

X Semana da Biologia



A amostra da pesquisa contou com aproximadamente 110 alunos, cerca de 50 do 7º ano e 60 do 8º ano do Ensino Fundamental II. Os dados coletados foram submetidos à tabulação para análise quantitativa simples, a fim de identificar padrões estatísticos e frequências das respostas. Simultaneamente, as respostas qualitativas foram examinadas por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2016), que possibilitou identificar categorias temáticas recorrentes e compreender os sentidos atribuídos pelos participantes às suas experiências. Essa análise integrada permitiu uma visão mais ampla e contextualizada dos desafios e motivações dos estudantes.

Por fim, a análise dos dados considerou não apenas os resultados quantitativos e qualitativos, mas também as referências teóricas que sustentam o estudo, destacando a influência das barreiras estruturais, sociais e culturais na trajetória educacional desses adolescentes.

Resultados

A partir das cartas escritas pelos estudantes, bem como dos questionários aplicados, foi possível coletar informações relevantes sobre o perfil sociodemográfico das famílias, a percepção dos estudantes sobre os estudos, as dificuldades enfrentadas no ambiente escolar, seus sonhos profissionais e o papel da família em suas trajetórias. Esses dados foram organizados em categorias temáticas que possibilitaram refletir sobre os fatores que influenciam diretamente na motivação, desempenho e nas expectativas educacionais dos adolescentes em contextos de vulnerabilidade.

Os resultados, portanto, não apenas revelaram o panorama da realidade escolar dos discentes, mas também apontaram caminhos pedagógicos possíveis para o fortalecimento da autoestima, da participação ativa e do protagonismo juvenil dentro e fora da escola.

A pesquisa revelou um perfil heterogêneo em termos de idade e composição familiar, mas com características comuns típicas de contextos de vulnerabilidade social. A idade dos pais dos estudantes variou amplamente, situando entre 28 e 65 anos, enquanto a idade das mães transitou entre 26 e 65 anos, o que indica famílias com diferentes fases de vida e possivelmente diferentes dinâmicas.

No que tange ao grau de escolaridade dos pais, os dados indicaram que a maioria possui ensino médio completo ou incompleto, com uma parcela menor apresentando ensino superior, seja completo ou incompleto. Para os pais, predominam os graus 4 (ensino médio incompleto) e 5 (ensino médio completo); enquanto para as mães observa-se uma concentração maior no ensino médio completo (grau 5) e superior incompleto (grau 6). Esse perfil educacional dos responsáveis evidencia um nível médio de escolaridade que pode influenciar diretamente o suporte que os estudantes recebem em casa para o processo de aprendizagem (Silva, Soares, Ferraz, 2016).

As profissões exercidas pelos pais e mães refletem a realidade socioeconômica da comunidade periférica, com predominância de ocupações ligadas a serviços, comércio, produção, funções operacionais e alguns profissionais liberais. Para os pais, destacam-se profissões como mecânico, pedreiro, eletricista, caminhoneiro e segurança, enquanto para as mães são comuns funções como cozinheira, cuidadora, balconista, produção, dona de casa e professora. Essa diversidade profissional reforça a ideia de um contexto de classe trabalhadora, muitas vezes marcado por baixa remuneração e pouca estabilidade, fatores que podem impactar a motivação e o suporte familiar para os estudos dos filhos (Bourdieu, Passeron, 2014).

Um aspecto importante revelado pelos dados foi a heterogeneidade das respostas sobre o gosto pelos estudos. Muitos estudantes afirmaram gostar de estudar porque têm sonhos e objetivos a alcançar, reconhecendo a importância da educação para o futuro, o que demonstra uma percepção positiva do papel do conhecimento (Tabela 1 – Você gosta de estudar? Por quê?).

Por outro lado, uma parcela significativa expressa resistência, alegando dificuldade de compreensão, desmotivação, ou mesmo imposição familiar, revelando conflitos emocionais e cognitivos relacionados à aprendizagem.

Quando questionados sobre o que os motiva a estudar, a maioria relaciona essa motivação ao desejo de construir um futuro melhor, alcançar os próprios sonhos e dar orgulho aos pais (Tabela 2 – O que te motiva a estudar?). Estes elementos são indicativos da relevância da dimensão afetiva e da esperança na trajetória educacional dos adolescentes. Tal resultado está alinhado com as teorias de Paulo Freire (1992), que destacam a educação como processo de esperança e transformação social.

Entretanto, as dificuldades apontadas em matérias como Matemática e Língua Portuguesa indicam que, apesar da motivação, os estudantes enfrentam barreiras acadêmicas significativas (Tabela 3 - Qual matéria você tem mais dificuldade? Por quê?). A Matemática, em especial, foi citada como a matéria com maior dificuldade por mais de 20 respondentes, refletindo o desafio comum enfrentado por discentes do Ensino Fundamental II em conteúdos que exigem maior abstração e raciocínio lógico. Já a Língua Portuguesa, embora menos mencionada, também representa uma dificuldade que pode afetar o desempenho global, visto que o domínio do idioma é fundamental para o aprendizado em todas as disciplinas.

As profissões desejadas pelos estudantes são variadas, incluindo desde carreiras tradicionais, como medicina, direito e veterinária, até ocupações ligadas ao esporte, tecnologia e empreendedorismo (Tabela 4 - Que profissão você deseja seguir no futuro?). Essa diversidade revela que, apesar das adversidades, muitos alunos mantêm sonhos amplos e ambiciosos. Contudo, é fundamental considerar que, como discutido por Bourdieu e Passeron (2014), esses sonhos nem sempre estão acompanhados de um real entendimento das barreiras sociais e culturais que podem dificultar sua realização. A percepção idealizada do futuro pode ser uma forma de resistência e esperança, mas também pode ser prejudicada pela falta de referências concretas e pelo contexto familiar de baixa escolaridade e renda.

A pesquisa mostra que a maioria dos estudantes recebe algum tipo de incentivo para estudar por parte dos pais, embora um número considerável relate que esse incentivo seja eventual ou ausente (Tabela 5 - Seus pais incentivam você a estudar?). A presença ou ausência desse apoio é um fator decisivo para a motivação e o desempenho escolar. A influência familiar está fortemente ligada ao nível de escolaridade dos pais, reforçando a necessidade de políticas e ações que envolvam as famílias no processo educacional. Além disso, a existência de lugar e tempo adequados para o estudo em casa é uma realidade distante para muitos alunos, com aproximadamente 25 discentes afirmando não dispor dessas condições. Essa limitação ambiental reforça a importância da escola como espaço privilegiado de aprendizado e de acolhimento, que deve compensar essas lacunas estruturais.

Os dados revelaram uma predominância de respostas positivas quanto à crença de que os estudos ajudam a alcançar os objetivos pessoais e profissionais. A noção de que o conhecimento traz oportunidades e abre portas para o futuro está presente na fala da maioria dos discentes, o que é um dado alentador (Tabela 6 - Você acredita que os estudos ajudam a chegar lá? Por quê?). Todavia, a ansiedade, o medo e a pressão para obter bons resultados, conforme apontado por Sasaki *et al.* (2022), podem ser fatores que comprometem o processo de aprendizagem e a autoestima dos estudantes. A cultura de avaliação tradicional, que muitas vezes reforça a competitividade e a exclusão, pode agravar o desinteresse e a evasão escolar, principalmente em contextos vulneráveis.

XIII Jornada de Produção Científica e Tecnológica

XVI Ciclo de Palestras Tecnológicas

I Semana da Pedagogia

X Semana da Biologia



Ao mergulhar nessa reflexão, fica nítido que os desafios enfrentados pelos discentes das comunidades periféricas vão muito além da sala de aula. Eles carregam consigo histórias, contextos familiares e realidades sociais que moldam sua maneira de enxergar o próprio aprendizado e o futuro. A escola, por sua vez, ainda convive com estruturas que, muitas vezes, mantêm as desigualdades mais vivas do que deveriam — e isso não é apenas sobre conteúdos, mas sobre cultura, identidade e pertencimento (Bourdieu, Passeron, 2014).

Diante desse quadro, destaca-se a importância de práticas pedagógicas que sejam acolhedoras, inclusivas e motivadoras. As atividades lúdicas, o uso de filmes e a realização de rodas de conversa apontam-se como estratégias eficazes para aumentar o interesse e melhorar o desempenho dos estudantes nas disciplinas. Essas abordagens dialogam com os princípios da educação libertadora, ao promover um ambiente que valoriza o diálogo, a expressão das dificuldades e o fortalecimento do vínculo professor-aluno.

Considerações finais

A pesquisa realizada com cerca de 110 discente do 7º e 8º ano de uma escola pública localizada em bairro periférico de cidade situada na região Metropolitana de São Paulo, evidenciou a complexidade desses fatores. A maioria dos estudantes declarou gostar de estudar e relacionou esse gosto ao desejo de um futuro melhor, à realização de sonhos e ao orgulho dos pais. No entanto, também foi expressiva a parcela de educandos que demonstrou desânimo, dificuldade ou ausência de motivação, o que indica que o ato de estudar ainda está condicionado a múltiplas realidades subjetivas e sociais.

Em relação à matéria preferida, destaca-se o grande apreço por Matemática e Educação Física. Já a disciplina com maior índice de dificuldade apontada foi, também, a Matemática — revelando um paradoxo comum em contextos escolares: o reconhecimento da importância da disciplina, mesmo diante das dificuldades que ela impõe. A falta de clareza na autoavaliação — conforme demonstrado por Sasaki *et al.* (2022) e Silva, Soares e Ferraz (2016) — é reforçada nos dados desta pesquisa, que revelam como muitos adolescentes ainda não possuem uma percepção realista sobre suas dificuldades e potencialidades. Essa lacuna pode ser explicada pelo distanciamento entre o conteúdo escolar e os contextos vivenciados pelos alunos, além das dificuldades cognitivas e emocionais que influenciam na construção da autoimagem.

No tocante às profissões almeçadas, houve uma grande diversidade: desde áreas como medicina, direito, veterinária, até profissões como jogador de futebol, youtuber e influencer. Muitas escolhas refletem aspirações pessoais e modelos de sucesso socialmente valorizados. Embora a maioria dos discentes afirme que acredita que os estudos são essenciais para alcançar esses objetivos, muitos ainda não conseguem estabelecer relações claras entre o cotidiano escolar e o futuro profissional — resultado, possivelmente, da ausência de experiências concretas, como visitas técnicas e projetos de orientação vocacional.

Quanto ao contexto familiar, os dados demonstraram que a maior parte dos pais e mães possui, no máximo, o ensino médio completo, e poucos concluíram o ensino superior. As profissões exercidas por eles concentram-se em setores operacionais, comércio e serviços — o que revela um perfil socioeconômico que, muitas vezes, limita o acesso à cultura escolar e à valorização do estudo como mobilidade social. Essa diversidade profissional reforça a ideia de um contexto de classe trabalhadora, muitas vezes marcado por baixa remuneração e pouca estabilidade, fatores que podem impactar a motivação e o suporte familiar para os estudos dos filhos. Ainda assim, a maioria dos estudantes afirmou que os pais incentivam os estudos, o que representa um fator de apoio relevante. Contudo, há um número expressivo de estudantes que relatam não ter lugar

adequado ou tempo para estudar em casa, evidenciando barreiras estruturais que comprometem a aprendizagem.

Sobre a motivação para estudar, as respostas revelaram que os discentes são impulsionados, majoritariamente, por fatores extrínsecos: futuro melhor, desejo de ter uma profissão, orgulho dos pais. A motivação intrínseca, como o prazer de aprender, aparece com menor frequência. Isso demonstra a necessidade de a escola desenvolver estratégias pedagógicas mais engajadoras, significativas e alinhadas com o universo juvenil. As práticas já implementadas, como uso de filmes, materiais lúdicos, rodas de conversa e atividades práticas mostram-se efeitos positivos, apontando um caminho possível e desejável.

Quando pensamos na autoeficácia, aquele sentimento interno de “eu consigo”, percebemos o quanto ele pode ser determinante. É justamente essa confiança no próprio potencial que faz a diferença para que o estudante encare os desafios com coragem, e não com medo ou desistência. Porém, muitos jovens ainda se veem reféns de fatores externos, acreditando que seu sucesso depende da sorte ou da ajuda de outros, e não do próprio esforço. Essa visão limita sonhos e diminui a motivação, criando uma barreira invisível, porém poderosa, que precisa ser quebrada com carinho e estratégia (Mayer, Koller, 2001; Rodrigues, Barrera, 2007).

Outra questão que não podemos ignorar é o peso da avaliação na vida desses estudantes. Mesmo em ambientes que buscam um olhar mais humano e acolhedor, a prova ainda é sinônimo de ansiedade, competição e pressão — sentimentos que se enraízam também no que vem de casa, onde o desempenho é muitas vezes associado à aprovação e afeto. Esse cenário transforma o momento de aprender em algo estressante, longe do prazer e da descoberta que deveriam estar no centro da educação (Sasaki *et al.*, 2022). Por isso, a atuação de educadores precisa ir além do ensino de conceitos e fórmulas. É urgente criar espaços onde o discente se sinta capaz, ouvido e valorizado em sua jornada. Avaliações que respeitem o ritmo de cada um, intervenções que reforcem a autoconfiança e a compreensão de que o controle sobre o aprendizado está nas mãos deles mesmos podem transformar essa realidade.

Ampliar a ponte entre esses estudantes e as universidades, desmistificando o ensino superior, trazendo-o para perto, fazendo com que se tornem uma possibilidade concreta — e não um sonho distante. Programas de políticas afirmativas e ações de divulgação com linguagem clara e acessível são ferramentas essenciais para abrir esse caminho (Furlaneto, Galian, Prado, 2025).

Ao final, a escola pode se tornar muito mais que um local de transmissão de conhecimento: precisa ser o berço da esperança, da construção de identidade e do despertar do desejo de transformar a própria vida. Enquanto agentes dessa mudança, responsáveis por estimular o olhar desses adolescentes para um horizonte maior, onde eles possam se enxergar como protagonistas da própria história. E, ao fazer isso, dá-se a eles o maior presente: a certeza de que o futuro pode sim ser construído com base no que acreditam e no que são capazes de alcançar (Bourdieu, Passeron, 2014; Freire, 1992).

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FURLANETO, Juliane; GALIAN, Cristiane; PRADO, Marcela de Souza. Programas de acesso ao ensino superior e os desafios da permanência: vozes de estudantes de origem popular. *Revista Brasileira de Educação*, v. 30, e300065, 2025.

MAYER, Benjamin; KOLLER, Silvia Helena. Autoeficácia e desempenho acadêmico em adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 14, n. 1, p. 173–180, 2001.

RODRIGUES, Daniela de Souza; BARRERA, Sara Dias-Trindade. Autoeficácia e desempenho escolar em alunos do ensino fundamental. *Psicologia em Pesquisa*, v. 1, n. 2, p. 41–53, 2007.

SASAKI, Ednéia; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. O sentido da avaliação na percepção das crianças. *Cadernos CEDES*, v. 42, n. 117, p. 155–172, 2022.

SILVA, Aline Lopes da; SOARES, Leandro; FERRAZ, Cristiane Mello. Dificuldades na leitura e escrita: a autopercepção de estudantes e de seus familiares. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 66, p. 363–382, 2016.

Apêndice

Tabela 1

Resposta	Frequência	Observações / Principais justificativas
Sim	59	"Tenho muitos sonhos a realizar", "Estudar é para ter futuro", "Estudar ajuda a alcançar objetivos"
Às vezes	16	"Depende da matéria", "Às vezes me sinto desmotivado"
Não	15	"É difícil", "Não gosto de estudar", "Minha mãe obriga"
Não sabe responder	20	–

Pergunta: Você gosta de estudar? Por quê? Autoria própria

Tabela 2

Matéria	Frequência	Motivos mais citados
Matemática	30	Importância, facilidade, Olimpíadas
Educação Física	25	Gosto de praticar esportes
Língua Portuguesa	10	Interesse, facilidade
Ciências	8	Interatividade, gosto
Geografia	6	Interesse em aprender sobre o mundo
História	5	Interesse em passado
Projeto de Vida	4	Considerada legal

JPCT | CIPATEC

XIII Jornada de Produção Científica e Tecnológica

XVI Ciclo de Palestras Tecnológicas

I Semana da Pedagogia

X Semana da Biologia



Matéria	Frequência	Motivos mais citados
Inglês	3	Interesse
Todas as matérias	2	Porque todas ensinam

Pergunta: Qual é a sua matéria preferida? Por quê? Autoria própria

Tabela 3

Matéria	Frequência	Motivos principais
Matemática	54	Dificuldade com contas, cálculos
Língua Portuguesa	10	Dificuldade em interpretação
Inglês	8	Falta de compreensão
Geografia	7	Complexidade de conteúdos
História	4	Dificuldade em memorização
Ciências	3	Conteúdo difícil
Redação	2	Dificuldade com escrita

Pergunta: Qual matéria você tem mais dificuldade? Por quê? Autoria própria

Tabela 4

Profissão	Frequência
Jogador (futebol)	11
Médica / Veterinária	15
Professora	7
Advogado / Advogada	8
Empreendedor(a)	6
Psicólogo(a)	3
Perita criminal	3
Outras (piloto, youtuber, cientista, designer etc.)	15
Não sabe responder	22

Pergunta: Que profissão você deseja seguir no futuro? Autoria própria

Tabela 5

Resposta	Frequência	Principais justificativas
Sim	80	"Estudo abre portas", "conhecimento traz oportunidades"
Às vezes	10	"Depende do esforço", "não sei direito"
Não	5	"Não vejo ligação direta", "não gosto de estudar"
Não sabe	15	–

Pergunta: Você acredita que os estudos ajudam a chegar lá? Por quê? Autoria própria

Tabela 6

XIII Jornada de Produção Científica e Tecnológica

XVI Ciclo de Palestras Tecnológicas

I Semana da Pedagogia

X Semana da Biologia

Resposta	Frequência
Sim	48
Às vezes	17
Não	20
Não sabe	25

Pergunta: Seus pais incentivam você a estudar? Autoria própria

Tabela 7

Resposta	Frequência
Sim	65
Não	25
Não sabe	20

Pergunta: Você tem lugar e tempo adequados para estudar em casa? Autoria própria

Tabela 8

Motivo	Frequência
Futuro melhor / sucesso	45
Orgulho dos pais	20
Sonhos e objetivos pessoais	18
Provas e exigências escolares	15
Gostar de aprender	12
Outros (inspiração, família etc.)	10

Pergunta: O que te motiva a estudar? Autoria própria